



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação
Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

A relação entre a inclusão social na Universidade Brasileira e o desenvolvimento da Competência Informacional: implicações no campo teórico da Ciência da Informação e na prática de seus agentes sociais.

Valéria Aparecida Bari
Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Este artigo discute a relação entre a inclusão social e a competência informacional, na situação da universidade brasileira da atualidade, na qual as políticas públicas em âmbito federal geram e fomentam diversos programas voltados para grupos sociais anteriormente excluídos das vivências do ensino superior. Conclui que a igualdade de condições na situação da formação universitária deve se dar por meio da disponibilização de bens culturais, privilegiando as necessidades informacionais heterogêneas dos ingressantes, enfatizando as novas funções sociais da Biblioteca Universitária no contexto do desenvolvimento da competência informacional.

Palavras-chave: Inclusão Social, Bibliotecas Universitárias, Competência Informacional



1 Introdução

O conceito de Competência Informacional, oriundo da Ciência da Informação, está atraindo para si a centralidade da gestão da informação em todos os espaços da sociedade, como consequência do uso dos princípios do letramento como novo escopo da escolarização fundamental. Em favor de um futuro para a educação formal e a academia, é necessário que as práticas pedagógicas e andragógicas¹ sejam acrescidas das mídias, suas linguagens, artefatos, assim como sua geografia digital e as vias de informação que por ela transitam. Isso, em âmbito acadêmico, se reflete para além da instituição de espaços laboratoriais, para uma modificação nas práticas de ensino superior, acrescidas de formas de avaliação de aprendizagem de novas habilidades e competências nas vivências digitalizadas.

Na situação universitária brasileira atual, a inclusão social emerge como um dos tópicos de grande destaque e controvérsia, implicando na apropriação de bens culturais e níveis informacionais antes inexpugnáveis a maioria da população, situação na qual se insere a função bibliotecária e docente na implementação da Competência Informacional nos ambientes presenciais e virtuais do ensino superior. Programas como o REUNI², PROUNI³ e a política de cotas sócio-econômicas e étnicas⁴ de ingresso no ensino superior, transformam as universidades públicas federais em espaços de inclusão social

¹ A andragogia se diferencia da pedagogia por possuir uma metodologia específica e direcionada às faixas etárias mais elevadas. Dentre outras, a diferença essencial entre as práticas pedagógicas e a andragógicas é que as últimas levam em consideração o conhecimento tácito e a experiência acumulada pelos adultos mais velhos e idosos ao longo da vida, enquanto a pedagogia se preocupa mais com a mediação do conhecimento explícito para a formação da criança e do jovem. O conceito é aqui resgatado pela autora, mediante sua experiência profissional no Serviço Social do Comércio – SESC, instituição que trouxe ao Brasil o modelo da chamada Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) na década de 1970.

² O **Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI**, tem por objetivo integrar todas as universidades federais a uma hierarquia única de administração, além da ampliação da mobilidade estudantil, com a implantação de regimes curriculares e sistemas de títulos que possibilitem a construção de itinerários formativos, mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre instituições, cursos e programas de educação superior.

³ O **ProUni - Programa Universidade para Todos** foi instituído em 2004 pelo Departamento de Ensino Superior do Ministério da Educação – Sesu/MEC, com a proposta de oferecer a alunos de baixa renda bolsas de estudo em universidades privadas, concedendo a essas isenção de alguns tributos fiscais. Ingresso por meio do ENEN (Exame Nacional do Ensino Médio), no qual o aluno terá que atingir o mínimo de 400 pontos para participar do processo.

⁴ Internacionalmente, as **cotas** de ingresso no ensino superior representam um favorecimento que visa a inclusão de um grupo social desfavorecido. No Brasil, as principais **políticas de cotas** são: Étnicas (também chamadas Raciais) e Sócio-Econômicas.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

representativos de um novo tempo para o Brasil, mas devem garantir a homogeneidade de formação dos egressos, mediante a heterogeneidade dos discentes ingressantes.

As questões relacionadas com os diferentes níveis de letramento e familiaridade com linguagens e suportes midiáticos são enfatizadas nos contextos de ensino superior, nos quais as formas de mediação dos docentes não correspondem à bagagem cultural discente. Não há correspondência clara, inclusive em relação à disponibilidade de tempo e à retaguarda financeira dos protagonistas, indicando a reflexão de que a referida inclusão requer tratamento e disponibilidade de recursos diferenciados, para que os efeitos da educação superior resultem em turmas egressas mais homogêneas, no desenvolvimento de habilidades de competências.

No contexto atual da Globalização, as formas de produção de bens estão sofrendo profundas mudanças. Os cientistas sociais falam em Sociedade Informacional, simbolizando o fim da Sociedade Industrial, com as profundas modificações no modo de vida que isso pode acarretar. Tem-se, por exemplo, a modificação do conceito de emprego, de consumo, de comunicação, tudo determinado pelo advento das tecnologias digitais.

Os novos desafios da sociedade, em um âmbito global, referem-se ao aprofundamento das diferenças sociais. Em algumas partes do mundo as pessoas morrem de fome e verminose, vivendo pior do que os ancestrais rupestres. Em outros lugares as pessoas ficam doentes pelo excesso de comida e fartura, mas não sentem segurança social para sair às ruas. O advento das tecnologias digitais de comunicação trouxe à vista de todos os cidadãos do mundo esse profundo desequilíbrio e exclusão, construindo um conhecimento novo, que vem para despertar em cada um a busca pela igualdade de condições e qualidade de vida.

Muito embora existam ainda grandes potências políticas internacionais agindo de forma egoísta, há a possibilidade de modificar a realidade de exclusão para todos os seres humanos. Quem vai garantir a energia necessária para a implementação dessas modificações e um futuro mais generoso e feliz para as futuras gerações será a Educação, em seus diferentes níveis e modalidades.

O mundo tem chance de se modificar, sob a égide de valores edificantes, que superem os preconceitos, aceitem as identidades e diferenças individuais e proporcionem a todos a chance da participação social, por efeito de uma educação libertadora, que



desenvolva habilidades, competências, aplicabilidades éticas, amor ágape e solidariedade em todos os âmbitos da vida pública. A distribuição equânime dos recursos materiais do mundo, assim como o seu consumo responsável, virá como consequência natural de uma sociedade bem educada e de mentalidade evoluída, que adotará a inclusão social como ideal buscado mundialmente.

As implicações dessas novas demandas sociais, sobretudo no ambiente universitário, enfatizam a importância do desenvolvimento da Competência Informacional como foco de discussão no campo teórico da Ciência da Informação, assim como uma preocupação inerente às práticas de seus agentes sociais, nos ambientes consagrados ao ensino e pesquisa superior no Brasil, sobretudo nas práticas profissionais ambientadas na Biblioteca Universitária.

2 Competência informacional

Os mais recentes estudos indicam que, para impregnar a sociedade com o conhecimento que antes estava confinado em circuitos culturais limitados, é necessário o enriquecimento das vivências no ambiente universitário, mesmo que não estejam diretamente relacionadas aos conteúdos pragmáticos dirigidos ao âmbito profissionalizante.

Ou seja, incluir grupos sociais na capacitação para o trabalho em nível superior, mas também incluir no pensamento, na reflexão, na fruição cultural superior, são novos objetivos desejáveis para a formação universitária, buscando a conceituação correta e as premissas básicas que diferenciam o paternalismo e o clientelismo da verdadeira inclusão social, por meio da apropriação e da produção autônoma de informação e conhecimento. A capacidade individual de acessar e produzir a informação, dentro de critérios de precisão e atualização, assim como o desenvolvimento do senso crítico necessário para articular essa informação e transformá-la em conhecimento são chamados, na Ciência da Informação, de Competência Informacional. O termo surgiu em 1974, no documento *The information service environment relationships and priorities*, elaborado pelo bibliotecário norte-americano Paul Zurkowsky. Segundo ele:



[...] os recursos de informação deveriam ser utilizados no trabalho para se lidar com as lacunas ou a resolução de problemas associados à tomada de decisões. Isso seria possível através do desenvolvimento de técnicas e habilidades para usar as ferramentas de informação, que possibilitassem a busca de informações no ambiente de trabalho. (ZURKOWSKY *apud* SILVA, 2009, p. 21)

As técnicas e habilidades citadas por Zurkowsky, juntamente com o fenômeno da convergência das mídias para os suportes digitais, ao longo dos anos 90, fizeram com que as necessidades atuais de comunicação, de obtenção de conhecimento e de fruição estética se dêem em nível informacional, progressivamente utilizando interfaces tecnológicas. Para atender a essa nova demanda social, constituiu-se a Ciência da Informação, de configuração interdisciplinar, agregando os conhecimentos da linguística, da sociologia, da matemática e das tecnologias às aplicações das disciplinas tradicionais do campo teórico da Informação.

O que caracteriza as disciplinas tradicionais, que formaram inicialmente o campo teórico da Informação, é a preocupação inicial voltada para o suporte. Assim, os seus nomes enfatizam sempre a mídia, que é o suporte acrescido da linguagem. A convergência das mídias para o suporte digital torna essa nomenclatura cada vez mais distante da prática profissional:

- Biblioteconomia = Livros (entendidos como obras encadernadas em suportes folheáveis)
- Museologia = Museu (o espaço é entendido como suporte, pois os objetos de arte e seu arranjo espacial são as fontes de informação)
- Documentação = Documentos (bibliográficos, porém não tradicionais)
- Arquivologia = Arquivos (entendidos como fundos documentários que emanam da administração privada ou pública)
- Jornalismo = Jornais (entendidos como a imprensa escrita)

Mas, se existe uma denominação disciplinar, datada em um momento histórico anterior à Sociedade Informacional, também as práticas pedagógicas e andragógicas, vinculadas à apropriação dos bens culturais organizados pela atual Ciência da Informação, não foram atualizadas nem são agregantes de fontes não-tradicionais de



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

conhecimento, por acaso as mais atualizadas, mais precisas e mais compatíveis com o novo processo produtivo.

Assim, as modificações tecnológicas que transformaram o ciclo da informação e geraram a Ciência da Informação, determinaram novos paradigmas de produção, comunicação e uso, assim como inversamente determinaram o conjunto de competências informacionais necessárias ao pleno usufruto dos conhecimentos, saberes e informações produzidas. Atualmente, todas as disciplinas tradicionais da Informação superaram, em sua função social, a denominação inicial, pois a convergência das mídias assim o determinou.

Se inicialmente a Ciência da Informação se preocupou com o desenvolvimento de instrumentos e técnicas de recuperação da informação em todos os suportes de conhecimento – tarefa na qual esteve sempre coroada de êxito –, a atualidade atribui um desafio ainda mais abrangente. É preciso também educar as pessoas, para que cada indivíduo possa desfrutar competentemente do conhecimento construído coletivamente pela humanidade e sistematizado pela Ciência da Informação. Neste sentido, a Gestão da Informação – área de práticas sociais em desenvolvimento no campo da Ciência da Informação –, bem como o conceito e as aplicações da Competência Informacional, tornam-se progressivamente interdisciplinares, à medida que existe uma apropriação de premissas, do campo da Educação e de vários outros campos da Ciência, para o pleno desenvolvimento das ações requeridas na Gestão da Informação.

O conceito de Letramento, internacionalmente conhecido como *Literacy*, consolida o perfil interdisciplinar da Competência Informacional à medida que determina todo o ambiente social, as mídias e suas linguagens, assim como os ambientes educacionais reais e virtuais como mediadores de informações e conceitos, que necessitam de Gestão da Informação para que a difusão e a apropriação sejam democratizadas. Segundo Britto:

A introdução do termo letramento no Brasil resulta, como se sabe, da versão do termo inglês *literacy*, o qual tradicionalmente era traduzido por alfabetização. A opção por dar à palavra inglesa uma nova tradução advém dos sentidos que ela adquiriu devido às novas compreensões do que significaria objetivamente ser alfabetizado na sociedade contemporânea (particularmente nos países do Primeiro Mundo, onde a universalização da educação básica já ocorrera há pelo menos meio século) e ao desenvolvimento de pesquisas sobre escrita, compreendendo-a como algo mais que a cópia infiel da fala



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

ou a usurpadora do lugar original desta. Pode-se dizer, portanto, que a formulação e aplicação desse novo conceito resultaram das necessidades teóricas e práticas várias, em função dos avanços do modo de compreender as relações inter-humanas, dos processos de participação social e do acesso ao e construção do conhecimento. (BRITTO, 2003, p. 51).

Apontadas como questões vitais do Letramento, que influenciam diretamente a Competência Informacional, estão a formação de leitores e a oferta, pelas instituições sociais, de acesso à leitura de lazer e de formação continuada. Como ocorre exatamente o contrário, ou seja, as estruturas sociais não oferecem mínimas condições de acesso livre à leitura; o que ocorre é que a Educação e a Ciência da Informação não atingem seus objetivos plenamente, pois a leitura não se insere nas práticas sociais cotidianas. Percebe-se claramente na sociedade a ausência de Bibliotecas Públicas, Bibliotecas Escolares, salas de leitura, desenvolvimento de acervos pessoais e familiares, entre outros que tais.

O conceito de Fluência Informacional também é desenvolvido por estudiosos da informação. Sínteses teóricas como as de Suzana Muller e Jaime Robredo, muito embora sem a utilização do termo, apontam para a vinculação entre os sistemas de informação e os próprios aspectos da psique humana, numa relação de fluência e trânsito do conhecimento sem delimitações institucionais. Segundo Robredo:

[...] parece ficar cada dia mais evidente que é necessário – seja-me permitida a metáfora – derrubar os muros e paredes que ainda delimitam os espaços institucionais de bibliotecas, arquivos, centros e serviços de informação e documentação, recolocando-os num ambiente de máxima visibilidade que os integre como componentes fundamentais de um sistema social, cuja missão é servir mais e melhor seus integrantes individuais ou coletivos. (ROBREDO, 2003, p. 123)

Para adquirir Fluência Informacional, o leitor precisa passar a visualizar a informação contida no conhecimento registrado em diferentes linguagens e suportes, como uma superestrutura que reúne, organiza e direciona o conjunto dos textos pesquisados. Na pesquisa, em âmbito escolar e universitário, significa que o “pesquisador-estudante” seja capaz de utilizar duas fontes ou mais na elaboração de um texto próprio, de forma que essas fontes não sejam “recortadas-e-coladas”, mas



interpretadas e sintetizadas em texto próprio, com partes relevantes de conceitos e juízos citadas ao longo da redação própria.

A Competência Informacional, então, não é apenas compreendida como “Inclusão Digital” pela Ciência da Informação, mas abrange os aspectos da leitura, compreensão, produção intelectual própria, habilidades e competências para ensinar o que se sabe e aprender continuamente, apropriação de bons hábitos informacionais e gosto próprio pela leitura de lazer e de formação intelectual continuada.

Na situação da inclusão social nas universidades, a lacuna do acesso à produção intelectual registrada pelos universitários e, conseqüentemente, a apropriação dos bons hábitos, a formação de gostos pessoais pela leitura, constituem-se como novas demandas da Biblioteca Universitária, grande centralizadora dos suportes e mediadores preparados para a promoção da leitura.

3 Os repositórios digitais

Os alunos das universidades medievais de diferentes níveis depositavam seus cadernos de anotações e seus apontamentos de pesquisa na biblioteca universitária, como forma de gerar um repositório próprio do conhecimento ali produzido. Perdida na Idade Moderna, a função do repositório foi recuperada por meio das novas tecnologias, contemplando as necessidades de compartilhamento e atualização de milhões de estudantes.

Dominando a língua de escrita da monografia e possuindo as condições técnicas para baixar os arquivos, todos os estudantes e pesquisadores interessados têm o potencial de acessar o trabalho de seus iguais em instituições congêneres do mundo. É nesse ponto que o desenvolvimento da Competência Informacional se torna vital no contexto universitário, pois viabiliza uma nova realidade de estudos superiores, na qual será minimizado o lapso na comunicação científica e suas conseqüências.

Em 2000, entre diversos estudos, foi desenvolvido o software *EPrints* da Universidade de Southampton (Inglaterra). O software *Eprints* foi desenvolvido como um mecanismo de comunicação entre pesquisadores, contemplado para ser traduzido e



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

repassado às comunidades científicas brasileiras. Solicitou-se ao *Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica* -- IBICT, então, o compartilhamento de sua experiência com outras instituições de ensino e pesquisa, delineando-se, com algumas delas, acordos e condições de colaboração para a implementação de projetos de arquivos de acesso aberto.

A partir do conjunto de condições proporcionadas pelo advento das mídias digitais e do novo modo de produção da ciência, a comunicação científica progressivamente deixa de ocorrer efetivamente de forma presencial, síncrona e periódica, para se tornar distancial, contínua e assíncrona. Dessa forma, se constituem duas vias informacionais que criam um ambiente de inteligência conectiva e globalizada: a Via Verde e a Via Dourada.

Também chamada de *Green Road*, a Via Verde constitui um conjunto de instituições e publicações que integram o Movimento Internacional do "Acesso Aberto", permitindo que seus autores científicos depositem seus artigos em repositórios digitais em qualquer parte do mundo. No entanto, a Via Verde preserva as autorias e textos finalizados, uma vez que a sua atualização depende da publicação de material inédito e se dá de forma periódica.

Também chamada de *Gold Road*, a Via Dourada constitui um conjunto de publicações, geralmente caracterizadas como revistas, totalmente de acesso aberto, tanto do ponto de vista da publicação quanto do ponto de vista da consulta. O IBICT considera essas revistas como a base para a criação futura de um provedor de serviços usando como modelo o *Harvester* do *Public Knowledge Project* (PKP). A abertura chega ao ponto de proporcionar aos membros da comunidade a oportunidade de correção e acréscimo de conteúdo contínuo aos artigos veiculados, lhes dando um caráter de produção cooperativa. O controle de conteúdos e qualidade se dá por meio da participação de todos os membros cadastrados nas comunidades digitais hospedeiras das publicações "douradas", de forma que uma contribuição de aspecto ou gosto duvidoso é neutralizada e o seu autor tem obstruída a participação, de forma periódica ou permanente.

No ano de 2003, o IBICT teve conhecimento do trabalho do PKP, Projeto desenvolvido pela *University of British Columbia* (Canadá), e analisou o software *Open Journal Systems* que foi traduzido como *Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas* -- SEER. Este sistema permite o gerenciamento do *workflow* de uma publicação científica e



utiliza padrões de interoperabilidade da OAI. O uso destes padrões pelo SEER torna os periódicos que o adotam integrados ao crescente número de revistas científicas que seguem a iniciativa de arquivos abertos. Adaptado para a realidade dos periódicos brasileiros, o SEER é destinado originalmente a centros de pesquisa, universidades e editores científicos, mas pode ser utilizado por qualquer instituição ou particular que se interesse em fundar e manter uma publicação eletrônica de acesso aberto.

Em 2004 foi lançado o repositório moldado em *EPrints - Diálogo Científico em Ciência da Informação* – DiCi, abrindo-se um espaço para que os autores da área da ciência da informação no Brasil pudessem auto-arquivar sua produção e assim garantir o acesso aberto e permanente à informação.

Outra das ações desenvolvidas pelo IBICT é a coordenação do projeto da *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* – BDTD, que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. Este projeto – iniciativa inovadora do IBICT, em parceria com as instituições brasileiras de ensino e pesquisa – possibilita que a comunidade científica e acadêmica publique suas teses e dissertações produzidas no país e no exterior, dando maior visibilidade a produção científica nacional.

Além dos repositórios científicos, o IBICT mantém um repositório institucional, numa política de preservação do capital intelectual da instituição e constituição de um *Sistema de Memória Institucional*, denominado Repositório Institucional de Documentação e Informação – RIDI. A primeira versão do RIDI funciona como mecanismo de armazenamento, disseminação e acesso à produção técnico-científica dos funcionários do IBICT. Espera-se, também, que a adoção do RIDI produza uma visibilidade e impacto maiores do conhecimento produzido na instituição, assim como uma estratégia de preservação digital da memória institucional.

No momento, estão sendo analisadas as possibilidades de integração dos três repositórios da área da ciência da informação mantidos pelo IBICT: DiCi, BDTD e RIDI. Cada repositório e o conjunto selecionado da BDTD atuarão como provedores de dados com plataformas distintas, para serem compilados pelo protocolo OAI-MPH e coletados por um provedor de serviços da produção em ciência da informação no Brasil.



O protocolo OAI-PMH (Open Archives Initiative-Protocol Metadata Harvesting), é uma ferramenta conceitual de inter-operabilidade, ou seja, que permite realizar o intercâmbio de informação entre diferentes repositórios digitais. Softwares como o Eprints e o Dspace são compatíveis com esse protocolo, desde o seu projeto. Os metadados que serão transmitidos pelos repositórios que respeitam o protocolo OAI-PMH devem ser codificados em Dublin Core⁵. Assim, a gama de processos de comunicação científica cada vez está mais sujeita às inferências dos Bibliotecários e Documentaristas, pois a possibilidade de recuperação de uma produção numericamente tão avantajada se dá principalmente por meio de uma representação descritiva e temática altamente profissionalizada e territorialmente integrada.

Ao mesmo tempo, de forma espelhada, a recuperação e uso da informação e do conhecimento científico dos repositórios digitais, exigirá, progressivamente, um nível de Competência Informacional cada vez mais alto de usuários e mediadores. Apesar da aproximação e democratização da informação e do conhecimento, aliada a rapidez da atualização, a consulta solicita do usuário e do mediador, sobretudo na Biblioteca Universitária, um conjunto de habilidades e competências para a leitura, decodificação e também o senso crítico para validação das fontes em suportes digitais remotos.

4 Vias ágeis de comunicação interpessoal e a nova Comunicação Científica – A Blogosfera e o Twitter

Abreviando o processo de validação das vias organizadas e periodicamente qualificadas de Comunicação Científica, como os eventos científicos e publicações indexadas, a Blogosfera⁶ promove uma aproximação não hierarquizada, descontínua e motivada por relações interpessoais que podem passar ao largo das grandes instituições de amparo, fomento, ensino e pesquisa científica. Apesar da aparente situação caótica, a Blogosfera

⁵ Quinze entradas de metadados: Título, Palavras-chave, Descrição, Fonte, Língua, Relação, Cobertura (espaço ou tempo), Autor ou criador, Editor, Outros colaboradores, Direitos, Data, Tipo de recurso (tipo de obra), Formato (mídia e linguagem), Identificador (ISBN ou equivalentes).

⁶ **Blogosfera** é o conjunto de Blogs ativos na Internet. Um **Blog** é um sitio da Internet cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, também chamados *posts*, geralmente mantido em um portal privado. O Blog é em geral organizado de forma cronológica inversa, mantendo o *post* mais atualizado na frente, tendo como foco a temática proposta pelos autores, podendo ser escrito por um número variável de colaboradores.



tem promovido sínteses importantes e contribuído para uma maior participação dos Universitários no desenvolvimento científico internacional.

Atualmente consideradas como vias ágeis de comunicação interpessoal, a Blogosfera e outras redes sociais não se dedicam exclusivamente a um aspecto da sociedade, e não possuem um controle que imponha limites ao diálogo e a integração individual ou grupal na discussão de diferentes temáticas. Segundo Moreno Albuquerque de Barros,

Podemos definir a blogosfera como a esfera composta por todos os blogs presentes na *Web* ou como grupos de autores comprometidos com um domínio de conhecimento que interagem através de softwares sociais para produzir artefatos de informação que promovem projetos e objetivos compartilhados, e sustentam uma rede social dinâmica. (BARROS, 2009, p. 10)

Aproveitando o ambiente livre e menos hierarquizado, além das inerentes vantagens da comunicação assíncrona, grupos de pesquisa científica do mundo todo têm dedicado parte do seu tempo à construção de Blogs especializados, tanto para divulgação científica quanto para o estabelecimento de contatos entre pares, desenvolvendo trabalhos e debates de forma cooperativa e compartilhada. Com a popularização dos sites gratuitos e a simplificação das ferramentas necessárias a veiculação de Blogs, o número deles se centuplicou no período de 2006 a 2008 (MORENO, 2009, p. 34). No período entre 2009 e 2010, continuam a crescer em número, muito embora outras redes sociais tenham passado também a ambientar discussões científicas.

No Brasil, a relevância dos Blogs na comunicação científica, assim como nos movimentos de divulgação e popularização da informação científica entre o público leigo, já movimenta as Universidades Federais e gera eventos científicos presenciais. O II EWCLiPo, *Encontro de Weblogs Científicos em Língua Portuguesa*, ocorrido no período de 25 a 27 de setembro de 2009, desenvolvido por docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, já elencou entre suas constatações que o *Twitter*⁷ (nome popular do Microblog) também já se tornou relevante à comunicação científica.

⁷ **Twitter** é uma rede social associada a um servidor privado de uso gratuito, voltado para a formação de Microblogs, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres,



Em março de 2010, a *Biblioteca do Congresso Norte Americano (Library of Congress)* adquiriu para seu acervo todos os arquivos já veiculados pelo *Twitter*, que supera os 50 milhões de mensagens diárias na atualidade, representando um acervo de bilhões de comunicações interpessoais. A justificativa da aquisição se refere à riqueza dessas mensagens, instantâneas e resumidas, como fonte de pesquisa presente e futura sobre todos os aspectos da cultura na sociedade humana. Porém, é considerável a possibilidade de que os norte-americanos sentiram-se atraídos pelo aspecto informacional cada vez mais presente nos chamados *tweets*, as comunicações postáveis por esta mídia para computadores pessoais e telefones celulares.

Uma das mais importantes questões ligadas à formação da Competência Informacional, na apropriação dos conteúdos veiculados por Blogs, é a questão da legitimidade. Isso por que a liberdade de uma redação sem controle social pode, ao mesmo tempo, enfatizar qualidades de uma escrita livre de controles, ou uma redação irresponsável. Segundo Barros:

No lado positivo, os blogs facilitam a rápida transmissão de informação, já que as pessoas podem facilmente publicar comentários e alertas em tempo real. O lado negativo é que os blogs também facilitam a rápida transmissão de “má informação”, ou informação proveniente de fontes não confiáveis. O fato de que qualquer pessoa pode criar um blog levanta as mesmas questões que especialistas têm se preocupado por longos anos, particularmente com respeito à informação científica na *Web*, a autoridade sobre a informação. Alguns blogueiros, mesmo com credibilidade, relutam em revelar suas identidades, particularmente se os seus pontos de vista *online* podem afetar suas vidas “reais”. Isso reforça o fato de que é responsabilidade maior do leitor separar opiniões de fatos e fatos de opiniões. (BARROS, 2009, p. 43)

A Ciência da Informação, já pressionada pela velocidade crescente de atualização imprimida pela dinâmica de veiculação das mídias digitais, ainda tem de se preocupar com a acessibilidade, uma questão pertinente à inclusão digital da população. No caso específico da Universidade, ainda é necessário conviver com medidas restritivas de acesso às comunidades sociais (exemplificado pelo bloqueio de acesso às redes sociais nos portais organizacionais), assim como na restrição financeira dos discentes e

conhecidos como *tweets*), por meio do website do serviço, por SMS e por outros softwares e interfaces específicas de gerenciamento.



colaboradores, que limita a aquisição de equipamentos de informática de uso pessoal. Assim, está claramente estabelecida uma fronteira na participação social, imposta principalmente ao universitário egresso das classes populares. Dessa forma:

Hoje, a Internet permite que pessoas comuns (ainda que somente aquelas situadas em um lado da divisão digital) expressem suas próprias vozes com regularidade, e em alguns casos, alcançar reconhecimento [...]. Nesse sentido, os blogs enquanto sistemas de produção e difusão de informação podem ser entendidos como uma marca de emancipação. (BARROS, 2009, p. 104)

Mais uma das implicações da Blogosfera na Universidade é a possibilidade de constituição de ambientes de produção de conhecimento e informação vinculada às funções docentes e discentes, de forma paralela às práticas tradicionais de ensino e pesquisa. O que permite dizer, por exemplo, que a Biblioteca Universitária, por sua centralidade na questão da busca pela informação para cumprimento dos objetivos de ensino e pesquisa, tem a possibilidade de desenvolver a Competência Informacional de grupos sociais heterogêneos, iniciando sua inclusão digital por meio da criação de Blogs unificados ou setoriais, que contam com a participação de bibliotecários, docentes e discentes.

5 A renovação da Biblioteca Universitária, agregando funções formadoras de Competência Informacional

As pesquisas preditivas da Ciência da Informação indicam mudança profunda nos produtos e serviços informacionais das Bibliotecas Universitárias, pois são elas que podem representar o espaço coletivo dinâmico de apropriação cultural, diminuição do desnível inicial na situação de ingresso por cotas ou programas; facilitadora da conversão de materiais de estudo para portadores de limitação sensorial, apresentadora das diferentes fontes de informação, conhecimento, e fruição e lazer cultural. Por conta disso, os modelos de avaliação de qualidade dos serviços bibliotecários universitários estão caindo na obsolescência com rapidez, entretanto, ainda não foram renovados os instrumentos oficiais de controle de qualidade.



O modelo de avaliação estruturado pela ISO 2789, de 2003, apesar das suas 52 páginas, não contempla os novos indicadores de qualidade das Bibliotecas Universitárias. As estatísticas internacionais, nas quais se baseia a referida norma, também não conseguem “cercar o problema”. Assim, os profissionais da Informação e seus parceiros cientistas, docentes, gestores universitários e analistas de sistemas, devem voltar à interpretação dos instrumentos tradicionais e sugerir que a avaliação deve ser tratada por similaridade entre os efeitos do serviço analógico e do digital.

Roswinda Poll, uma das maiores especialistas internacionais em leitura e pesquisa universitária, afirma que, quando são avaliados os serviços bibliotecários, os objetivos são similares, a despeito das interfaces (*apud* MELO, 2005, p. 43-44). Já que existe a dificuldade atual em controlar índices específicos, Poll recomenda a resposta a um conjunto de perguntas avaliativas, referentes ao acesso aos recursos informacionais, facilidades, suficiência de equipamentos, funcionalidade dos mesmos e se os serviços realmente “chegam à população” atendida. Assim, é preferível a avaliação dos serviços da Biblioteca Universitária por meio da aproximação aos novos modelos internacionalmente propostos, do que utilizando um conjunto de índices que emanam dos serviços tradicionais.

Existem dois novos modelos de Biblioteca Universitária em implantação internacional, superando o modelo atual e que, na década que se iniciará em 2010, determinarão as novas formas de trabalhar e avaliar os produtos e serviços: a *Library Without Walls – LWW* (modelo desenvolvido no Reino Unido) e o *Centro de Recursos para el Aprendizaje y Investigación – CRAI* (modelo desenvolvido na Espanha).

O *Centro de Pesquisas em Biblioteconomia e Gestão da Informação, de Manchester – CERLIM*, conceituou o modelo de Biblioteca Universitária LWW, em 2002. Já está em organização, para 2010, o oitavo congresso sobre o tema, o LWW8.

O empresariado universitário e os ministérios da educação, em âmbito internacional, estão tecendo elogios e aprovando o modelo, pois são eliminadas despesas de edificação, compra de mobiliário e equipamentos, contratação de pessoal, assim como se transfere, parte das responsabilidades do acesso, para o próprio usuário.

O serviço de referência é substituído, na LWW, por uma interface digital, enfatizando a precisão da indexação na recuperação de informação e a necessidade de preparação e formação do usuário para traçar a estratégia de pesquisa sem ajuda. O



acervo é totalmente digitalizado, como está ocorrendo na *British Columbia University*, para permitir a recuperação do documento completo na interface digital. O número de acessos será a principal fonte de informações sobre consulta, frequência e estudo de uso, como é feito em sítios da Internet, em geral. Com o aumento da potência de armazenamento e transmissão, ferramentas de “mineração” poderão ser futuramente introduzidas entre os instrumentos de busca, recuperando documentos por linguagem natural e imagens por descrição.

É obvio que, como espelho da LWW, existe um perfil mínimo exigido do consulente, que deve ter plena familiaridade com a linguagem escrita formal, em sua língua; bom nível de Inglês; conhecimento da terminologia de sua área de estudos; possuir ou acessar micro-computadores em condições de mediar conexões de banda larga com boa estabilidade, para a pesquisa e a transferência de pacotes de dados sem corrupção. Ou seja, a Competência Informacional e a posse ou disponibilização de equipamentos precedem a apropriação de bens culturais nesse modelo de Biblioteca Universitária.

O *Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación – CRAI*, é um modelo que, a despeito do uso do mesmo conjunto de recursos da LWW, defende que as vivências presenciais e o contato com os suportes analógicos do conhecimento são importantes para o desenvolvimento da Competência Informacional, principalmente em situações de inclusão social. Segundo os dados oficiais do Ministério da Educação da Espanha, existe uma previsão de que 92% dos jovens espanhóis recém egressos do ensino médio ingressarão, em média, no nível superior, até 2015 (CASTRO FILHO, 2009, p. 111). Grande parte deles provenientes de famílias em que nenhum dos membros possui nível superior.

A Academia Espanhola entendeu que, para preparar melhor esse grande fluxo de estudantes, normalmente procedentes de famílias de baixa escolaridade, é preciso que as Bibliotecas Universitárias integrem presencialmente o processo educativo. O CRAI projeta um espaço no qual os estudantes cumprem parte dos seus créditos acadêmicos dentro das dependências da Biblioteca. Para tal, existe a necessidade de:

- maior número de funcionários trabalhando na área, inclusive melhor qualificados;



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

- presença de bibliotecários e docentes na Referência, que é o serviço tradicional de atendimento na área de leitura;
- aumento de espaço edificado e disponibilização de equipamentos e mobiliário, para acomodar os alunos no cumprimento de seus créditos;
- implementação de acervos em quantidade e qualidade, em diferentes mídias, suportes e linguagens, disponibilizando para empréstimo, leitura presencial e pesquisa analógica e digital;
- conexão inalâmbica (*wireless*), para convidar os estudantes e docentes a utilizar seu próprio equipamento na Biblioteca Universitária;
- programação de eventos culturais especialmente projetados para atrair novos leitores, sem atrapalhar as atividades nas áreas de leitura pesquisa.

O empresariado universitário e os Ministérios da Educação consideram o modelo do CRAI utópico, mesmo na Espanha, e não sinalizam a sua incorporação ao modelo universitário internacional. Infelizmente, o alunado europeu também não aprecia o modelo do CRAI, já que ele controla a frequência à Biblioteca Universitária, enquanto a tendência internacional é que deixe de existir a obrigatoriedade, até mesmo às aulas presenciais.

A atual situação universitária e as implicações de novos modelos de educação superior em âmbito mundial, mais voltados para a profissionalização do que para o “pensamento superior”, indicam duas tendências para conceituar a qualidade em Bibliotecas Universitárias e renovar os instrumentos internacionais de avaliação: a qualidade pode ser determinada pela acessividade distancial das necessidades informacionais (informações propriamente ditas, documentos, textos integrais); a qualidade pode ser, pelo contrário, determinada pelos produtos e serviços possibilitados pela frequência e vivência em um espaço voltado para a leitura e para o desenvolvimento de Competência Informacional, que supere o utilitarismo.

Os novos critérios qualitativos da Biblioteca Universitária serão determinados pela implantação majoritária de um dos dois modelos descritos. Isso se dará pela diferença na filosofia de trabalho, que determinará a predominância de determinados indicadores, em detrimento de outros. Também devemos verificar que os atuais (e defasados) critérios de qualidade em Bibliotecas Universitárias já são sofregamente atingidos pelas instituições



brasileiras, que lidam com uma relação de falta de recursos e excesso de demanda endêmica.

6 Considerações Finais

A inclusão social apresentou-se como uma questão realmente “explosiva” à academia brasileira, já que as preocupações com a qualidade e a capacitação do aluno ingressante são transferidas para a instituição superior, o que implica em modificações que se estendem desde os seus critérios de seleção, até a evolução das práticas de ensino e pesquisa, para um contexto de preocupação individual na formação do egresso. Ou seja, há que se preparar igualmente um grupo heterogêneo, que terá de agregar um conjunto de habilidades e competências que os preparem igualmente para as vivências sociais posteriores à graduação ou pós-graduação.

Sabendo-se, de antemão, que a cultura superior se encontra, em sua grande parte, armazenada nas diferentes linguagens bibliográficas, há que se presumir que a Competência Informacional, na situação universitária, necessariamente seja precedida da situação de letramento. Este, por sua vez, tem como mínimos pressupostos a familiarização com a leitura, a repetição, a formação de hábitos e a obtenção do prazer, obtidos apenas pela inserção social dos ambientes leitores no cotidiano do leitor novato.

O “nó górdio” da inclusão social, dessa forma, é exatamente a inexistência de estruturas sociais que caracterizem os ambientes de leitura desde a infância, como as bibliotecas familiares, escolares, públicas, comunitárias e associativas, que estão disponíveis apenas para determinados grupos sociais; os mesmos que até então ocuparam as cadeiras das melhores universidades e cursos superiores de maior *status* social do país. Isso sem contar com a escassez de obras bibliográficas em suportes amigáveis aos portadores de necessidades especiais, até o recente advento das mídias digitais. A Biblioteca Universitária, nessa nova situação de inclusão, agrega para si a responsabilidade atual do desenvolvimento da Competência Informacional, sem que lhe fosse anteriormente garantida à condição material e as qualidades inerentes ao acervo,



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

que deve incorporar as funções de lazer cultural além da formação continuada, além das práticas de pesquisa e aprendizagem superior.

Como recomendações advindas dessa problematização, os profissionais da Informação, assim como os docentes, em suas práticas de ensino e pesquisa, devem se preocupar fortemente em estabelecer vínculos emocionais entre os estudantes e a leitura, pois são elementos imprescindíveis na formação de hábitos e gostos leitores. Uma boa forma de fazê-lo é apresentar as obras de forma integral, propagando suas qualidades literárias, independentemente dos objetivos pragmáticos buscados pelo grupo por meio da leitura universitária. E, claro, a produção intelectual cooperativa entre diferentes campos de conhecimento e níveis hierárquicos da comunidade universitária pode ter seu lugar em ambientes digitais sediados e coordenados pela Biblioteca Universitária.

Também se torna imprescindível o envolvimento e a aproximação dos docentes e dos profissionais da Informação, por meio de iniciativas de diálogo informal, ou até mesmo da formação de comitês de Biblioteca Universitária, versando sobre as diferentes áreas do conhecimento. Isso evitaria, por exemplo, a indicação de títulos repetitivos, insatisfatórios, desatualizados, que só agravam a situação, já que a monotonia e a falta de qualidade das coleções repelem o leitor potencial. O colorido de um acervo bem diversificado e atualizado representa mais um estímulo à busca pela leitura, que já compete, naturalmente, com tantas outras atividades prazerosas e mais acessíveis aos estudantes.

Para completar o raciocínio, é importante afirmar que todo esse esforço não pode ser encarado como uma mera outorga de oportunidades para “os menos favorecidos”, pois uma pessoa que tenha crescido em um meio carente e adverso pode possuir um talento único, inigualável, cujo desperdício atrasa o desenvolvimento do país. Portanto, promover a inclusão universitária não é uma situação de paternalismo, é uma oportunidade de crescimento real da intelectualidade brasileira e da formação de discursos sociais transversos e diferenciados, por meio da prospecção de potenciais intelectuais antes desperdiçados.

Abstract

This paper discusses the relationship between social inclusion and information literacy, within the context of the present day Brazilian university, in which federal public policy generates and foment several programs directed towards social groups previously



excluded from the experience of upper learning. It concludes that equality of conditions in the context of university education must happen by means of availability of cultural goods, with priority for enrolling students' heterogeneous information needs, with emphasis on the University Library's new social functions in the context of information literacy development.

Key words: Social Inclusion, University Libraries, Information Literacy

Referências

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. Novas condições de circulação e apropriação da informação e do conhecimento: questões no debate contemporâneo. In: FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo (Org.) A responsabilidade social da Ciência da Informação. **Anais... X ENANCIB**. João Pessoa: UFPB, 2009. p. 1513- 1526.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores**: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes ECA/USP, 2008.

BARI, Valéria Aparecida. **Por uma epistemologia da educomunicação**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). São Paulo: Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes ECA/USP, 2002.

BARROS, Moreno Albuquerque de. **Emergência e dinâmica informacional na Blogosfera**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Niterói: Universidade Federal Fluminense/Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica, 2009.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Massagão (Org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003. p. 47-63.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CARVALHO, Isabel de Souza. **A socialização do conhecimento no espaço das bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Friederika. **O ideal de disseminar**: novas perspectivas, outras percepções. Salvador: EDUFBA, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 1)

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. **O modelo europeu para o Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación (CRAI) e as bibliotecas universitárias brasileiras**: convergências e divergências. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes ECA/USP, 2009.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

- FERREIRA, Valdinéia Barreto. **Acesso e uso dos repositórios digitais:** comportamento informacional dos pesquisadores da Ciência da Informação no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.
- JAMBEIRO, Othon (Org.) **Socializando informações, reduzindo distâncias.** Salvador: UFBA/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.
- JAMBEIRO, Othon *et all* (Org.) **Informação: contextos e desafios.** Salvador: UFBA/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MELO, Luiza Baptista. Indicadores específicos para bibliotecas e serviços de informação. In: FERRARI, Adriana Cybele *et all*. **Qualidade em serviços de informação: uma experiência de EAD.** São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas SIBI/USP, 2005.
- MORENO, Fernanda Passini et all. Acesso livre a publicações e repositórios digitais em ciência da informação no Brasil. In: **Perspectivas em ciência da informação.** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, v.11 n.1, p. 82-94, jan./abr. 2006.
- PORTO, Cristiane de Magalhães ; MORAES, Danilo de Almeida. Divulgação científica independente na Internet como fomentadora de uma cultura científica no Brasil: estudo inicial em alguns Blogs que tratam de ciência. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. **Anais.** Salvador: Faculdade de Comunicação da UFBA, 27 a 29 de maio de 2009. URL:< <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19095.pdf>> Acesso em 10 de fevereiro de 2010.
- ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação.** Brasília: Thesaurus, 2003.
- SARAVALI, Eliane Gianchetto. Dificuldades de aprendizagem no ensino superior: reflexões a partir da perspectiva piagetiana. **ETD-Educação Temática Digital.** Campinas: UNICAMP, v. 6, n. 2, jun. 2005, p. 99-127. Disponível em: < [HTTP://143.106.58.55/revista.php](http://143.106.58.55/revista.php)>. Acesso em: 08 dez. 2009.
- SILVA, Lucia Vera da. **Competências em informação dos estudantes de graduação para a elaboração dos trabalhos acadêmicos:** a contribuição das bibliotecas universitárias da UFBA. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.
- VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Gestão da informação e do conhecimento.** São Paulo: Polis/ Cultura Acadêmica, 2008.
- VELASCO, Juliana Oliveira. **O uso do livro eletrônico na prática científica.** Dssertação (Mestrado em Ciência da Informação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.
- VERGUEIRO et all. Serviços de informação voltados para o cliente: a difícil busca das bibliotecas universitárias brasileiras. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 11º., 2000, Florianópolis. **Anais.** Florianópolis: UFSC, 2000. (1 CD-ROM)
- VERGUEIRO, Waldomiro. **Qualidade em serviços de informação.** Tese (Livre Docência em Ciência da Informação). São Paulo: Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes ECA/USP, 2000.